

FRONTEIRA: LIMITE GEOGRÁFICO QUE SEPARA. CULTURAS QUE SE UNEM.

GABRIELA FRIZZO¹; LORI ALTMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas - gabriela.frizzo@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lori.altmann@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

A antropologia alcançou amplitude, (quanto ao desenvolvimento da ciência social) enquanto uma área das Ciências Sociais, a partir das observações realizadas por diversos pesquisadores ao longo dos séculos. Embora a Antropologia compreenda três dimensões básicas (biológica, sociocultural e filosófica), neste estudo vamos nos deter muito mais no seu aspecto cultural, deixando os outros elementos para as disciplinas dos cursos especificamente voltados para essas áreas.

O presente trabalho foi escrito originalmente para contemplar a disciplina de Antropologia II, do curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas/RS. A pesquisa foi feita na fronteira entre as cidades de Jaguarão, Brasil, e Rio Branco, Uruguai. Tendo como ponto de partida a observação da cultura singular que formase em uma, nesta fronteira.

O objetivo do trabalho é analisar, na fronteira Jaguarão-Rio Branco, suas peculiaridades, tais como a língua, costumes, formas de vestir e outros. Para que se possa entrar em uma pesquisa de campo é preciso deixar as análises e preconceitos prévios de lado. Conforme DA MATTA (1981, p.162), para que o familiar possa ser percebido antropológicamente, ele tem que ser de algum modo transformado em exótico. Com isso, percebemos quão profundo é o choque cultural quando ocorre a exposição da cultura do “eu” com a cultura do “outro”. E para que isso seja dado é, necessariamente, importante uma aproximação direta com o outro, bem como sentir as diferenças do “desconhecido” para que esta forma torne-se objeto fundamental para a constituição de uma futura subjetividade.

A fronteira é um lugar onde povos se cruzam, culturas misturam-se e, com o passar do tempo, esta frequência vai tomando forma e transformando-se em uma cultura singular e única: a cultura fronteiriça. Segundo SCHLEE (1998) apud SCHULER (2004):

“Vivia perplexo diante do Uruguai, não propriamente diante do mundo; mas, antes, diante daquele outro mundo: tão perto e tão longe, logo ali do outro lado da risca vermelha no cimento da ponte, *muy cerca, cerquita*, cercado (a risca vermelha no meio da ponte!)... Aquele outro mundo, separado e unido pelo rio: tão diferente e tão igual; tão distinto e *tan distinto*; tão distinguido e *tan distinguido*; tão esquisito e *tan esquisito*...” (in SCHULER, 2004, p. 53)

Com a ida a campo, o lugar foi tornando-se exótico e deixou de ser meramente uma passagem, passou a ser o foco, onde queríamos nos deter para ganharmos resultados condizentes com o que estávamos dispostos. Para isso, aquilo que antes era “despercebido”, após a observação, pode-se então, ter uma noção maior e mais

aprofundada do lugar. E, muito se deve ao fato de deixarmos de lado preconceitos, visões pré-estabelecidas, juízos de valor e suposições, para então chegar na fronteira e deter uma maior visão do que ela é em si, quais suas singularidades, suas formas, suas maneiras, entre outros.

2. METODOLOGIA

Nas idas a campo, nos deparávamos com a surpresa do exótico em contraposição ao subjetivo e a identidade como um todo. A heterogeneidade é evidente neste cenário, mas semelhanças também são compartilhadas. As informações fornecidas pelos nativos da fronteira foram importantes para o desenvolvimento do trabalho. Algumas situações só foram percebidas através das declarações feitas por eles.

O manual de ideias para o diálogo com o nativo foi elaborado com o intuito de encontrar maior êxito na hora de entrevistar. Este manual trás perguntas-base para qualquer pré-entendimento daquilo que se busca: fronteira separa ou une? Para tal, acreditou-se ser necessário traçar um roteiro de perguntas, algumas delas foram:

- I) O que você entende por fronteira? É somente uma delimitação geográfica ou cultural também?
- II) Acredita que a comunidade fronteiriça do lado brasileiro, por exemplo, carrega alguma coisa que lembre os uruguaios?
- III) Quando você “atravessa a ponte” (ou seja, cruza a fronteira), o que passa em sua mente? Há um choque cultural? Tente subtrair o fato de viver na fronteira; imagine como sendo um visitante analisando as duas partes (Jaguarão/Rio Branco).

Como a fronteira tem suas peculiaridades, pois é um canal que aproxima dois povos, buscou-se observar, ouvir e tentar entender um pouco do que é viver em meio a duas culturas diferentes que estão juntas convivendo em forma de “troca simultânea”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se que as relações corriqueiras de contatos linguísticos fazem parte da história desta fronteira e que hospeda, alternadamente, discursos de aproximação e de afastamento, dependendo do momento e dos interesses pessoais. Desta forma, pode-se pensar que os contatos linguísticos nessa zona fronteiriça foram se construindo no embate dos sujeitos, e as aproximações foram potencializadas e vivificadas com os saberes do próprio cotidiano, aliados às suas próprias necessidades.

Pudemos observar, ao longo das saídas de campo, que o “portunhol” se classificaria como uma língua, mesmo esta não sendo oficialmente reconhecida. Acreditamos que em todas as situações em que deparam-se brasileiros e uruguaios fronteiriços, esta língua é o canal de comunicação entre estes dois povos. Ou seja, não existe uma escolha por falar um dos dois idiomas: ou o português, ou o espanhol; o uso do “portunhol” para a comunicação está previamente posto.

Quando analisamos a forma como os brasileiros fronteiriços falavam, notou-se na linguagem, mesmo com outros brasileiros, que haviam palavras em espanhol na sua conversa. A carga que a fronteira deixa na forma de falar e no sotaque é algo evidente para aquelas pessoas que estão tendo um contato pela primeira vez. A quantidade de palavras oriundas do espanhol que são usadas pelos brasileiros fronteiriços nas suas comunicações não são poucas; a mistura é feita a toda hora. Por exemplo, usa-se no idioma português a palavra “tchê”, que por sua vez, é muito usada pelos uruguaios e com o mesmo sentido. Outra palavra que parece que foi “roubada” do idioma espanhol foi “mate”, o que para os brasileiros seria “chimarrão”. Considerando essa mescla de palavras nos dois idiomas, apenas estudando a origem dessas palavras, saberemos se estas pertencem ao idioma português ou espanhol.

Segundo um dos entrevistados, José Carlos Arismendi, professor do Liceo, 40 anos: “Não tem como sabermos de onde vem esta expressão “tchê”; se ela é originária de vocês (brasileiros) ou de nós (uruguaios). Em todo o sul do Brasil escutamos ela. E em todo o Uruguai também. Essa é a resposta da fronteira: a mistura da língua”.

Os uruguaios possuem costumes muito diversos dos brasileiros, talvez seja porque trazem traços da cultura europeia, devido a colonização dos espanhóis, estes acabam por assemelham-se mais com os europeus do que com os brasileiros, que de certo modo, estão muito mais próximos. Por exemplo, é notável logo numa primeira olhada perceber a simplicidade com a qual se vestem. A forma como cortam o cabelo: seu corte é repicado e alternativo. A cultura de ficar até tarde na rua, ganhar uma moto aos treze anos de idade, todos esses costumes citados, acabam salientando uma diferença quando colocamos em comparação aos costumes dos brasileiros fronteiriços. Alguns modos notórios dos brasileiros são o cabelo com corte formal (seria este o mais usado pelos brasileiros fronteiriços), a forma como se vestem uniformemente, seguindo padrões de moda, o gosto musical que é diversificado e a culinária que é diferente da uruguaia.

Para embasar as afirmações, foram realizadas entrevistas com brasileiros e uruguaios. O primeiro contato feito por uma das pesquisadoras em campo, foi um diálogo informal realizado em uma loja na zona comercial de Rio Branco. Lá, ela pôde contemplar, em primeira vista, as diferenças a olho nu. Depois com o decorrer da comunicação, entre ela e o funcionário, foi observando também o modo como ele “arranhava” a língua portuguesa ao tentar falar a língua da pesquisadora, o português.

Em uma segunda ida a campo, podemos perceber que a comunicação em família dava-se, por vezes, através de palavras que os brasileiros usam no idioma português. Confirmamos a afirmativa em uma conversa com o professor entrevistado, José Carlos Arismendi, sobre sua experiência por viver na fronteira, logo respondeu: “Acho muito bom. Aqui nós temos contato diariamente com os brasileiros. Se aqui está chato, damos um pulinho ali”.

Na outra entrevista, recebemos mais uma opinião de um urguai a respeito do que ele acredita ser a fronteira, expressando que esta seria a união de dois povos. Pois mesmo havendo divergências, estas são mínimas, comparado ao resultado que esta união acarreta. Ou seja, a cultura fronteiriça seria muito maior do que avaliar cada uma separadamente; e ela tem âmbito e características próprias, segundo salienta RIBEIRO (1993):

“(…) a diversidade cultural continuará existindo, dada a existência de forças necessariamente contraditórias. Nesse contexto, uma tarefa central da

antropologia é descobrir as formas de reprodução do homogêneo e do heterogêneo sob condições de forte compressão do espaço-tempo (...). Assim, podemos crer que a antropologia terá um papel cada vez mais central na interpretação do mundo contemporâneo” (RIBEIRO, 1993, p.16).

4. CONCLUSÕES

Através da observação empírica e das entrevistas realizadas na fronteira Jaguarão-Rio Branco, pode-se concluir que, a fronteira divide duas culturas distintas, porém, é no convívio diário que elas misturam-se e resultam em hábitos semelhantes a uma cultura única, ou seja, a análise de um indivíduo fronteiriço poderá certificar-se dos sinais que a cultura do “outro lado” mostra. A fronteira não só une dois povos distintos, mas também os faz interagir. Misturas culturais acontecem, sem que se perca de vez a cultura tradicional, mas acaba-se criando uma cultura de fronteira.

Em campo, procuramos focar em detalhes que, às vezes, passam despercebidos aos olhos de muitos visitantes. Com as respostas obtidas através das entrevistas, pode-se chegar a uma conclusão no que diz respeito a mistura da fronteira, se ela une ou separa. Quando se está tão próximo de um lugar, mas ao mesmo tempo tão longe, é onde se pode constatar que as culturas não permanecem intactas; Elas evoluem (ou transforma-se), agregam valores, experiências, convivências, que acabam por se tornarem, para aqueles que acreditam, em uma outra cultura: aquela que se pode chamar de cultura fronteiriça.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DA MATTA, R. **O Trabalho de Campo como Rito de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- RIBEIRO, G.L. **Fronteiras da Cultura**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.
- SCHLEE, A.G. **Contos de sempre**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.